

PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS E A PROCESSUALIDADE NA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

EPISTEMOLOGICAL PERSPECTIVE AND PROCESSABILITY IN COMMUNICATION RESEARCH

PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS Y LA PROCESSUALIDAD DE LA INVESTIGACIÓN EN COMUNICACIÓN

Guaciara Barbosa de Freitas

■ Possui graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (1998), mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (2002) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2011). É pesquisadora integrante do grupo de pesquisa Processocom (PPGCOM-Unisinos). Tem experiência profissional com jornalismo em meio impresso, televisivo e digital, em assessoria de comunicação, bem como na docência e coordenação de curso de graduação em Comunicação Social.

■ E-mail: guacifreitas@yahoo.com.br



RESUMO

O texto aborda paradigmas teórico-epistemológicos das Ciências Sociais e Humanas, focalizando o papel do sujeito (ou não) no processo comunicacional. Discute também a construção metodológica que valoriza a processualidade da investigação. Defende que o aspecto difuso da conceituação do objeto comunicacional – ou ainda a multiplicidade de teorias, epistemologias e metodologias, que se fazem presentes no campo da Comunicação Social – necessita ser compreendido, ao invés de alijado, para que pesquisadores-comunicadores desenvolvam arranjos transmetodológicos, em processo de aproximação com as práticas sociocomunicativas contemporâneas, as novas formas de vida que dela decorrem e com os sujeitos que nela interagem.

PALAVRAS-CHAVE: PARADIGMAS; EPISTEMOLOGIA; METODOLOGIA; PROCESSOS COMUNICACIONAIS.

ABSTRACT

The paper addresses theoretical and epistemological paradigms of Social and Human Sciences, focusing on the role of the subject (or not) in the communication process. It also discusses the methodological construction that values the processability of research. It advocates that the diffuse concept of the communication objects – or the multiplicity of theories, epistemologies and methodologies that are present in the field of Communication – needs to be understood, not rejected, so that researchers-communicators can develop trans-methodological arrangements, in a process of approach to contemporary socio-communication practices, to the new forms of life that flow from it and to its interacting subjects.

KEYWORDS: PARADIGMS; EPISTEMOLOGY; METHODOLOGY; COMMUNICATION PROCESSES.

RESUMEN

El texto aborda los paradigmas teóricos y epistemológicos de las Humanidades y de las Ciencias Sociales, centrándose en el papel del sujeto (o no) en el proceso de comunicación. Analiza la construcción metodológica que valoriza la investigación como un proceso. Defiende que el concepto difuso del objeto comunicacional – o la multiplicidad de teorías, epistemologías y metodologías presentes en el campo de la Comunicación Social – necesita ser entendido y no depreciado, para que los investigadores-comunicadores desarrollen transmetodologías sobre el enfoque del proceso de las prácticas contemporáneas socio-comunicativas, observando las nuevas formas de vida que fluyen desde ellas, así como con los sujetos que en ellas están en interacción.

PALABRAS CLAVE: PARADIGMAS; EPISTEMOLOGÍAS; METODOLOGÍA; PROCESOS COMUNICACIONALES.



1. Nota introdutória

Resultado de pesquisa bibliográfica, o percurso que seguimos nesta escrita em que trazemos autores como Bachelard, Marx, Adorno, Horkheimer, Habermas, Lasswell, Merton, Luhmann e Martín-Barbero não objetiva aprofundar as discussões teórico-epistemológicas decorrentes das obras desses pensadores, mas refletir sobre a visada processual presente nas investigações e análises empreendidas por eles.

A escolha de aspectos pontuais no amplo e diverso conjunto da obra dos autores referidos orientou-se por dois critérios principais: (1) a relevância do papel do indivíduo como sujeito (ou não), passível de ser pensado no âmbito do processo comunicacional, seja este processo abordado em uma concepção sistêmica da sociedade – segundo a qual a ação do indivíduo como geradora da comunicação pode ser considerada irrelevante (Luhmann, 1997; 2001) –, seja na percepção das práticas comunicativas no interior de uma matriz socioantropológica (Martín-Barbero, 2009a), que enfatiza o valor das interações socioculturais dos indivíduos como potencializadoras do processo comunicacional; (2) A heterogeneidade de aportes teóricos, epistemológicos e metodológicos, oriundos de outras áreas de conhecimento e acionados na construção de objetos de conhecimento na Comunicação (França, 2001) influenciam a emergência de questionamentos e dúvidas, dentro do próprio campo, a cerca da legitimidade de uma epistemologia própria (Martino, 2003).

Nessa atmosfera resiste certo desapeço pela herança das ciências sociais e humanas tradicionais e pelas conceituações primeiras acerca da Comunicação, sob o argumento, por exemplo, de que as dinâmicas sociocomunicativas ambientadas pela tecnocultura do contemporâneo, requerem outra *práxis* conceitual, capaz de dar conta, simultaneamente, das atividades dos produtores do campo comunicacional e das atividades reflexivas sobre ele, bem como de uma nova forma de

vida decorrente das práticas midiáticas que vêm se instituindo (Sodré, 2002).

Tais considerações, pertinentes e importantes, não nos parecem significar que um salto transdisciplinar, a busca de interfaces e a elaboração de arranjos transmetodológicos transformadores (Maldonado, 2009), devam ser precedidos, necessariamente, pelo abandono de aportes anteriores. As dinâmicas do mundo e da vida sempre interferiram na configuração das experiências, no delineamento dos objetos empíricos e dos contextos que os atravessam. Desse modo, é indispensável que o fazer do pesquisador esteja em sintonia com os movimentos e que o pensamento concreto nasça da práxis, mas não aleatoriamente, como nos ensina Sartre (1979), e sim segundo princípios.

Por entender que é necessário conhecer, ao invés de descartar, *a priori*, apresentamos uma espécie de menu, para navegação entre alguns *links*, que nos parecem úteis ao desenvolvimento de pesquisas com visadas comunicacionais.

2. Sobrevoos em horizonte epistemológico

A proposição de uma perspectiva epistemológica de descontinuidades em relação aos paradigmas predominantes no século XIX, que estabeleciam um ponto fixo para a ciência, favoreceu a emergência de uma outra atmosfera de produção científica, cujo fazer passou a ser identificado como um procedimento processual. A contribuição de Bachelard registrada na obra *A Epistemologia* é considerada importante ponto de partida dessa ruptura com uma ciência de caráter essencialmente positivista.

Bachelard (2001) critica a teoria do conhecimento que afirma a primazia da observação no caminho para se alcançar o problema, questiona o princípio metodológico baseado na unidade do método e a ideia de neutralidade do dado científico. O epistemólogo considera o objeto um pretexto para o pensamento, e o dado empírico, uma construção conceitual e técnica. As-



sim argumenta que a captação dos fenômenos é confusa e por esta razão o esforço teórico ajuda a compreendê-los. Isso não significa que o autor rejeite o objeto empírico, pois, na verdade reconhece uma dimensão empírica na constituição de um campo de ação dupla entre teoria e empiria, uma dialética que flui de um polo ao outro em um contato solidário.

A noção de objetividade defendida por ele é desvinculada do lugar dado e não problematizado, no qual residia a pretensa neutralidade do positivismo. A objetividade passa a ser algo da ordem da conquista, ou seja, um elemento almejado e trabalhado no próprio processo de realização da pesquisa, até mesmo no que diz respeito a movimentos que podem ser considerados simples, como pensar se as noções pessoais não estão sendo sorrateiramente inseridas no processo sem que o pesquisador se dê conta. Segundo tais princípios, o domínio da reflexão se faz presente no interior da prática da pesquisa, considerada fundamentalmente como um processo.

O reconhecimento do fazer científico como um processo é fundamental para compreendermos, principalmente a partir de algumas contribuições sistematizadas nas matrizes de conhecimento das Ciências Sociais, questões relacionadas à epistemologia dos processos midiáticos, inscritas em um campo comunicacional.

É necessário perceber que esse horizonte epistemológico se constrói num movimento sistemático-reflexivo de aproximação com a realidade, que corresponde a um pensamento fundador da ciência contemporânea e neste sentido, identificado como um pensamento clássico. Ao mesmo tempo constitui-se em um conhecimento de natureza essencialmente crítica. Assim, a epistemologia relacionada aos processos midiáticos está vinculada também ao nível de abstração das formas de aproximação da realidade, ou de modo mais específico, com o objeto empírico.

Observamos como a produção científica ins-

pirada por esse paradigma de valorização da processualidade gera dentre suas mais significativas contribuições, conhecimentos construídos a partir de concepções de sistema, trabalhadas por diversas disciplinas específicas: da Economia à Psicanálise, da Linguística à Biologia. Não pretendemos aqui adentrar em uma teoria dos sistemas exatamente, mas atentar para o modo como os conceitos e teorias que emergem no contexto referido, impregnam questões relativas a caracterizações e problematizações relacionadas à epistemologia dos processos midiáticos especificamente. Tomemos como exemplo o processo empreendido por Karl Marx para compreender o sistema de produção capitalista.

El paradigma construído por Marx, núcleo central del pensamiento crítico mundial, que se constituye como el referente de mayor influencia en el campo científico internacional de las ciencias sociales, según las evaluaciones británicas sobre el siglo XX, es esclarecedor de la necesaria apertura, reconfiguración constante, rigor e interrelación entre el mundo de la vida y la dimensión teórica fértil. Al mismo tiempo, muestra cuanto es ignorado ese pensamiento por autores afines e contrarios. Es un paradójico, emblemático, de inversión de sentidos, que en los marxismos ortodoxos se constatan estructuraciones contradictorias en esencia con el modelo teórico/metodológico fundado por Karl Marx (Maldonado, 2009, p.40-1).

Marx (1977, 2013) investigou as condições materiais de existência geradas pela lógica do modo de produção, com o interesse maior de pensar a vida social e o papel do indivíduo nesse sistema, tanto na dimensão da produção, quanto na do consumo, e em uma potencial instância de (re)ação transformadora .

Assim Marx realizou uma profunda análise histórica, social e econômica do sistema capitalista, no



qual, segundo a perspectiva marxista, o indivíduo é simultaneamente objetivado na produção e subjetivador do objeto que produz. Opera como um elemento do sistema que articula um ato de consumo na produção e de produção no consumo: consumo de forças vitais e faculdades produtivas na produção (chamado de consumo produtivo para ser diferenciado do consumo propriamente dito); produção de necessidade no consumo.

Inserido nessa lógica sistêmica, o indivíduo seria separado de tudo o que emprega junto com sua força de trabalho, inclusive a consciência, apropriada pelo capital. Este seria o ponto essencial de manutenção do sistema, pois, segundo tal concepção, o homem alienado encontra-se destituído da capacidade de reagir e de questionar. Além disso, as análises de Marx apontavam outro aspecto fundamental à manutenção do sistema: a capacidade dele agir no sentido de englobar tudo aquilo que lhe parece externo e ameaçador. Porém, ainda assim, os germes de uma autodestruição estariam sendo gerados por suas próprias contradições. Nesse aspecto, reside a possibilidade de ação do indivíduo.

Fazer essa brevíssima retomada de Marx é importante para os propósitos deste texto por algumas razões, dentre as quais, destacamos duas: (1) todas as conclusões que Marx apresentou e a gama de concepções geradas nas pesquisas que ele realizou, resultam de uma investigação processual, que constrói o objeto empírico ao aproximar-se dele, seja no trabalho de campo propriamente dito (ao conhecer as rotinas dos operários, por exemplo), seja na densa análise teórica do complexo sistema de produção e das condições históricas que o precederam e o ambientavam; (2) o legado marxista, o modo como ele reflete sobre o sistema capitalista e o papel do indivíduo nesse sistema, permeiam de uma maneira ou de outra as principais investigações produzidas no século XX, que abordaram os fenômenos comunicacionais.

No campo da Comunicação tornou-se comum evidenciar a herança marxista na Teoria Crítica, um conjunto de reflexões produzido pelos estudiosos reunidos na chamada Escola de Frankfurt, sobre a cultura configurada sob a influência dos meios de comunicação de massa. Em sintonia com perspectivas distintas, outro grupo de intelectuais dedicado a investigar a relação meios de comunicação de massa e sociedade – ou melhor, os efeitos deles sobre ela – embora estivessem alinhado aos interesses do capitalismo, inclusive realizando suas pesquisas financiadas pela indústria capitalista, não dispensou alguns aspectos da teoria marxista em sua empreitada. Afinal, tais pesquisadores, vinculados ao funcionalismo, eram contemporâneos dos frankfurtianos e ambos os grupos, apesar de aderirem a ideologias opostas, viviam sob a aura do mesmo *Zeitgeist*.

Com propósitos intelectuais, sociais, políticos e históricos forjados a partir de pontos de vista antagônicos sobre a situação concreta, funcionalistas e frankfurtianos produziam conhecimentos situados em relação à mesma ambiência conformada pelo clima de pós-guerra, explosão da produção capitalista e surgimento dos meios de comunicação (rádio e cinema), com capacidade de alcançar a multidão que passava a habitar e conformar os grandes centros urbanos e as periferias destes, ‘organizadas’ em função das indústrias modernas.

Theodor Adorno e Max Horkheimer são os autores que se destacam numa primeira fase da Escola de Frankfurt por pensarem os meios de comunicação como mais uma forma de garantir as condições de produção do sistema capitalista. A teoria crítica empenhava-se, então, em realizar um processo de desvelamento da estrutura e dos mecanismos da economia geradora da indústria cultural, para demonstrar como cinema e rádio, àquela época, se constituíam em entretenimentos destinados a assegurar a alienação do homem,



que passava a ter seu tempo livre orientado pela lógica de produção do sistema. Deste modo, o grau de crítica dessa teoria está além do funcionamento dos meios de comunicação em si, pois questiona mesmo a essência desses meios e os fins a que se destinam. Segundo a teoria crítica, a origem dos meios está totalmente vinculada ao capitalismo e por esta razão eles apenas asseguram a perpetuação dele.

Toda a civilização de massa em sistema de economia concentrada é idêntica, e seu esqueleto, a armadura conceitual daquela, começa a delinear-se. Os dirigentes não estão mais tão interessados em escondê-la; a sua autoridade se reforça quanto mais brutalmente é reconhecida. Filme e rádio não têm mais a necessidade de serem empacotados como arte. A verdade cujo nome real é negócio, serve-lhes de ideologia. Esta deverá legitimar os refugos que de propósito produzem. Filme e rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos (Lima, 2000, p.170).

O emprego do termo indústria cultural indica o foco da Teoria Crítica para o elo entre o sistema capitalista e a cultura. Assim os frankfurtianos trabalhavam com termos classificatórios de cultura e a cultura de massa não produziria arte, conseqüentemente não formaria público apto para fruir arte, nem seria feita por artistas, porque no interior do sistema da indústria cultural o que era produzido não fazia pensar, apenas se encarregava de entreter. Segundo essa lógica a “arte” da indústria cultural é produzida de forma utilitarista, a partir de receitas aplicáveis nos diferentes meios de expressão, inclusive corrompendo elementos da “arte verdadeira”, para atender aos desejos espontâneos e inconscientes do público.

É necessário perceber a impressão desse período nas obras para entender, entre outras coisas, porque a classificação cultural feita a partir das divisões de classe (cultura de elite, cultura popular e cultura de massa) não é, necessariamente, reflexo de uma visão elitista dos frankfurtianos, mas resultado de um momento no qual não lhes era possível perceber brechas na indústria cultural, que correspondessem a algo que não estivesse simplesmente englobado pela reprodução sistemática.

O sinal dos tempos sobre a produção teórica pode ser visto na obra de Jürgen Habermas, um dos representantes da segunda geração da Escola de Frankfurt, que reconhece em sua teoria da ação comunicativa uma possibilidade de ação do indivíduo inserido no sistema. A validade argumentativa do expresso pelos indivíduos, na condição de atores sociais nas experiências da vida cotidiana, constituiria processos comunicacionais mais complexos do que os determinados pelo sistema. Segundo essa abordagem, o sujeito, por meio da linguagem e da interação, pode efetuar escapes em relação ao sistema. Embora possamos contrapor a essa ideia, o argumento de que, mesmo a linguagem não sendo neutra, o indivíduo não é senhor da produção do discurso.

Habermas levanta a questão de que as interpretações feitas pelos marxistas, sobre as conclusões de Marx a respeito do sistema capitalista, conduzem à compreensão deste sistema por processos unilaterais. No entanto, outra perspectiva poderia ser levantada como saída, quando a retroalimentação do sistema é vista em conexão de mão-dupla, um movimento possível de ser observado no trabalho de Marx, justamente onde reside a viabilidade da ruptura: a observação do processo de produção do capitalismo revela seu funcionamento ao indivíduo, que passa a ter condições de distinguir seu papel como ator social.

Esta visada se despoja do fatalismo frankfurtiano, segundo o qual o homem estaria para



sempre condenado ao determinismo alienador da indústria cultural, executora da principal estratégia de reprodução do capitalismo. Mesmo ao reconhecer o poder da linguagem, Habermas admite que a compreensão encontra-se em uma esfera e a ação em outra. Quer dizer, não significa que ao articular a linguagem no ato comunicativo, o passo seguinte do indivíduo seja agir efetivamente para transformar a realidade social na qual está inserido.

Sobre isso existem questões atuais propostas à teoria da ação comunicativa, principalmente relacionadas às interações possíveis quando tratamos de processos midiáticos. Apesar do tipo de interacionismo abordado por Habermas parecer focalizar uma comunicação direta, interpessoal entre os sujeitos, o que dizer das interações sociais interpessoais que ocorrem nos termos das configurações comunicacionais da sociedade contemporânea, entre sujeitos organizados em zonas periféricas, por exemplo, que se apropriam dos dispositivos tecnológicos (originalmente alocados no domínio dos meios de comunicação), não só no que diz respeito à técnica instrumental, mas principalmente em termos de linguagem e significação, e (re)agem com criações que partem de suas próprias vias?

O cuidado necessário ao lidarmos com textos datados também se aplica à teoria funcionalista, pois em alguns casos, os mesmos que se filiaram aos frankfurtianos sem ponderações, com igual açodamento alijaram os funcionalistas. Ainda assim é muito curioso perceber o quanto o positivismo funcionalista norteia a operacionalização do fazer jornalístico e está presente na realização de pesquisas feitas no campo da Comunicação, nem sempre de forma explícita. Rever o esquema de Lasswell que descreve o ato de comunicação na abertura de *A estrutura e a função da comunicação na sociedade* (Cohn, 1971, p.105), por exemplo, nos remete à estrutura do lide que ainda hoje é “ensinada” nas escolas de jornalismo

e nos manuais de redação dos veículos.

O esquema, que às vezes se infiltra sorrateiramente no desenvolvimento de pesquisas: Quem → (análise de controle) Diz o quê → (análise de conteúdo) Em que canal → (análise dos meios) Para quem → (análise de audiência) Com que efeito → (análise de efeitos). O reflexo no lide noticioso (factual) que se elabora a partir das respostas às questões: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê?

Em *Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada*, Lazarsfeld e Merton refletem uma espécie de temor sobre a onipresença e o poder dos meios de comunicação de massa e a possibilidade de que o avanço desses meios comprometesse as faculdades críticas dos indivíduos, seus gostos estéticos e os padrões da cultura popular. Apesar de não aprofundarem as discussões a ponto de questionar a essência mantenedora dos meios, esses representantes da *Mass Communication Research* revelam um pensamento menos linear que aquele expresso no esquema de Lasswell e menos influenciado pelo behaviorismo e a teoria dos efeitos diretos sobre as massas.

Lazarsfeld e Merton, em Colúmbia, trabalharam no desenvolvimento da pesquisa administrativa (por contrato) com o Estado e as empresas, priorizando o caráter operativo dos projetos; trabalhando teorias sem maior pretensão epistemológica; movimentando hipóteses específicas; adotando esquemas conceituais sem suficiente problematização teórica e filosófica; privilegiando estudos de caso. Apesar dessas limitações, são suscitadoras, na dimensão metódica, as propostas de integração e unidade do projeto de pesquisa mediante a formulação de: a) finalidade prática; b) relevância teórica; c) necessidade de uma metodologia adequada. (...) Essas pesquisas tornaram possível, também, que essa corrente compreendesse



e teorizasse sobre a necessidade de estudar os contextos para entender os processos de comunicação (Maldonado; Foletto; Strassburger, 2014, p.343).

Em pesquisas sobre a identidade teórico-epistemológica do campo comunicacional e seus agentes acadêmicos, no Brasil, Maria Ângela Mattos destaca que “a aliança de interesses do ensino universitário e da investigação científica com o sistema produtivo imprime, desde as suas origens, orientações utilitaristas aos estudos e às pesquisas científicas” (Mattos, 2007, p.126-7). No caso específico da Comunicação, a autora refere-se ao protagonismo dado à formação profissional, em detrimento da acadêmica, que surge praticamente a reboque da profissionalização. No âmbito das pesquisas científicas em comunicação, os vestígios da teoria funcionalista são perceptíveis na recorrência aos métodos de aproximação do objeto empírico e no viés das proposições. Por essa razão, parece superado o momento em que a adesão a uma postura crítica diante das condições sociais geradas pelo capitalismo, correspondia a uma oposição automática às possíveis contribuições desta corrente.

Nos textos alinhados à matriz crítica ou funcionalista há um traço em comum, que de certa forma é característico da modernidade: pensar as instituições e a técnica. Distintas proposições sobre o poder das instituições ou a dissolução de instituições consolidadas na modernidade, resultam em diferentes caracterizações e problematizações sobre o que identificamos como processos midiáticos. A epistemologia dos processos midiáticos também se constitui de uma visão sistêmica como a desenvolvida por Niklas Luhmann, baseada nos conceitos de *autopoiesis* e fechamento. A articulação desses conceitos leva à constatação de que não é o ambiente que produz o sistema. O sistema se produz isoladamente. Por isso trata-se de uma epistemologia que desloca o

foco da ação, opondo a concepção de sistema ao conceito de *práxis*.

Nessa concepção a ação do indivíduo como geradora da comunicação é considerada irrelevante. A comunicação se enfrenta com sua própria improbabilidade em decorrência de três fatores: a individualização da consciência (não há como traduzir a consciência para o outro), o acesso ao destinatário e a correspondência entre a ação e os conteúdos sugeridos. Sob tais condições, o que torna a comunicação provável é a transferência para as instituições, com isso passa a ser sistêmica. Esta perspectiva funcional-contrutivista-sistêmica não costuma encontrar tanta adesão, sobretudo pelo modo como situa (ou melhor, não situa) o indivíduo em sua dinâmica. Contudo, expressa uma visão segundo a qual, as relações estabelecidas no tecido social não estão a serviço de uma preservação harmoniosa do sistema.

Outro horizonte de referência paradigmática parece-nos mais próximo da realidade contemporânea, cujo processo de midiatização se materializa cada vez mais intensamente, de forma espalhada, na produção da tecnocultura e nas formas de interação através de redes telemáticas. No tempo, no espaço, no repertório cultural e na realidade político-econômica, consideramos a pertinência do deslocamento da ênfase dos meios às mediações, destacado na pesquisa em Comunicação, que está no cerne das principais proposições de Martín-Barbero. Com ele o autor estimula a pensar por que os meios de comunicação se tornam mais importantes com as céleres e novas tecnologias e a compreender a relação deles com as mediações emergentes no contemporâneo.

Quando defende o deslocamento da ênfase dos estudos de comunicação dos meios para as mediações, Martín-Barbero, propõe um grau de mudança na própria concepção de comunicação mais recorrente. Ele a reconhece como algo que



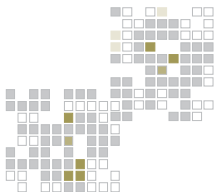
está além do ato de transmitir informação em situações onde haja emissor, receptor e canal, para vincular comunicação à cultura. Mas não à cultura associada às atividades e produções das belas artes, e sim à cultura vista sob uma perspectiva antropológica, que valoriza crenças, práticas da vida cotidiana, expressão de memória e um elemento fundamental às suas reflexões: os rituais. Principalmente as transformações pelas quais eles passam. Ou seja, trata-se aqui de uma visão ampliada de comunicação, a partir do elo com um conceito alargado de cultura.

Assim, as mediações, na obra *Dos meios às mediações*, correspondem à espessura entre o meio e o indivíduo. Entre o rádio e a pessoa que o escuta há o espaço de crenças, sentimentos e tudo o mais que está presente na vida cotidiana, na história de vida e que compõe os critérios de análise do mundo. E isso não se anula, mas se atualiza, quando nos voltamos para ambiências com dinâmicas de interação mais aceleradas e complexas, no sentido de interconexão midiática, como as redes sociais, por exemplo. Pensar a sociedade a partir da comunicação e da cultura, de forma atenta a críticas que passaram a reivindicar uma reflexão do autor para os tempos em que parece haver um protagonismo cada vez maior dos meios, motivou Martín-Barbero (2004), a desenhar um novo mapa (teórico-metodológico), no qual as mediações passam a ser transformação do tempo e transformação de espaço, a partir de migrações de populações e fluxos de imagens, onde o ponto central da investigação não é mais “sobre as matrizes culturais da comunicação, mas sobre as matrizes comunicativas da cultura” (Martín-Barbero, 2009b). Desse modo, aproxima o diálogo sobre as mediações comunicacionais da cultura de articulações contemporâneas, que dão conta de um acelerado processo de mediação da sociedade.

Em outro ângulo, a discussão passa a ser também voltada para os fluxos de movimentos recí-

procos que configuram esses processos de relação na sociedade. Tais como os fluxos de constituição do urbano, cada vez mais repleto de circulação e informação e com menos espaço para encontro e convivência geradora de comunicação. Para compreender os processos de comunicação é relevante considerar as transformações urbanas, que se por um lado têm gerado um processo identificado como perda do enraizamento coletivo nas cidades (Martín-Barbero, 1998), também leva ao estabelecimento de uma cultura popular urbana, repleta de peculiaridades, que contraria a ideia do popular da cultura rural e também se distancia da cultura popular dos trabalhadores urbanos. É o caso do lugar destacado ao bairro e seus vínculos de solidariedade, identificação e organização coletiva.

No referente à técnica, a crítica de Martín-Barbero ao lugar dado a ela desde a clássica filosofia grega reside no fato de não reconhecê-la em um campo oposto ao do conhecimento e da verdade, como mero instrumento, associada ainda à ideia negativa de forjar a realidade. Ao contrário, para o autor existem duas dimensões de conhecimento e sensibilidades inseridas na técnica, capazes de possibilitar seu trânsito da *práxis* à *episteme*: (1) o saber empregado para torná-la existente; (2) as linguagens, novas formas de percepção do espaço, do tempo, enfim uma dimensão de saberes e sensibilidades. Quando surgem novos aparelhos, novas possibilidades tecnológicas, surgem também possibilidades de novos conhecimentos. O entendimento da técnica sob este enfoque requer atentar para o fato de que a velocidade e o grau de transformações geradoras dessas tecnologias acarretam consequências relevantes no sistema de produção. Este, sabidamente construído no chão da revolução industrial, tendo a máquina em um lugar de destaque, recorria naquele momento a um tipo de força de trabalho de fato concentrada na capacidade “força”. Hoje, para o sistema de produção a capacidade imprescindível a sua força



de trabalho é a de produzir linguagens.

Esta percepção de técnica compõe o conjunto das proposições de Martín-Barbero para a comunicação. Considerar a cultura a partir da vida cotidiana significa reconhecer que nela se mistura tudo: cinema, televisão, música, dança, festas. E, se a velocidade com que se dá o surgimento de novas tecnologias, reflete-se em transforma-

ções na sensibilidade, nas formas de expressão, essa dimensão da técnica leva-nos a um nível de cultura que não corresponde nem aos termos convencionais de cultura de elite, nem aos termos convencionais de cultura popular. Mas, a mutações culturais, o que não é a mesma coisa de cultura comum, assentada na falácia da representação do gosto da maioria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.
- COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, USP, 1971.
- FRANÇA, Vera Veiga. *Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?* Anais do 10º Encontro Anual dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Brasília: UNB, jun.2001.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa.T.1*. Madrid: Taurus, 1997.
- LASSWELL, Harold. *A estrutura e a função da comunicação na sociedade*. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, USP, 1971.
- LAZARSFELD, P; MERTON, R. *Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada*. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, USP, 1971.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LUHMANN, Niklas. *A nova teoria dos sistemas*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- _____. *A improbabilidade da Comunicação*. Lisboa: Veja, 2001.
- MALDONADO, A. Efendy. *La perspectiva transmetodológica en la coyuntura de cambios civilizatorios a inicio del siglo XXI*. In: FERNÁNDEZ, A.P; MALDONADO, A. Efendy (Orgs.). *Metodologías transformadoras: "tejiendo La Red en Comunicación, Educación, Ciudadanía e Integración en América Latina*. Caracas: Fondo editorial CEPAP: UNESR, 2009. p.13-54.
- _____; FOLETTO, Rafael; STRASSBURGER, Tabita. *Mass Communication Research*. In: CITELLI, A. [et al.]. *Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009a.
- _____. *As formas mestiças da mídia*. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo, 1º set. 2009b. n.163, p.10-15.
- _____. *Razón Técnica y Razón Política: espacios/tiempos no pensados*. *Revista Latino Americana de Ciencias de la Comunicación*. São Paulo, v.1, n.1, p.22-37, jul/dec, 2004.
- _____. *Comunicação e Cidade: entre Meios e Medos*. *Revista Novos Olhares. ECA/USP*, São Paulo, n.1, jan/jun de 1998.
- MARTINO, Luiz Cláudio. *As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação*. In: VASSALO DE LOPES, Maria Immacolata (Org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola/Compós, 2003.
- MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política*. Lisboa: Estampa, 1977.
- _____. *O Capital: crítica da economia política. Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MATTOS, Maria Ângela. *Desafios para a afirmação e o reconhecimento da identidade teórico-epistemológica do campo comunicacional e de seus agentes acadêmicos*. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; MARTINO, Luiz Cláudio (Orgs.). *Teorias da comunicação: epistemologia, ensino, discurso e recepção*. Salvador: EDUFBA, 2007. p.125-139.
- SARTRE, Jean-Paul. *Crítica de la razón dialéctica. Libro I*. Buenos Aires: Losada, 1979.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Recebido: 25/08/2014
Aceito: 11/10/2014

